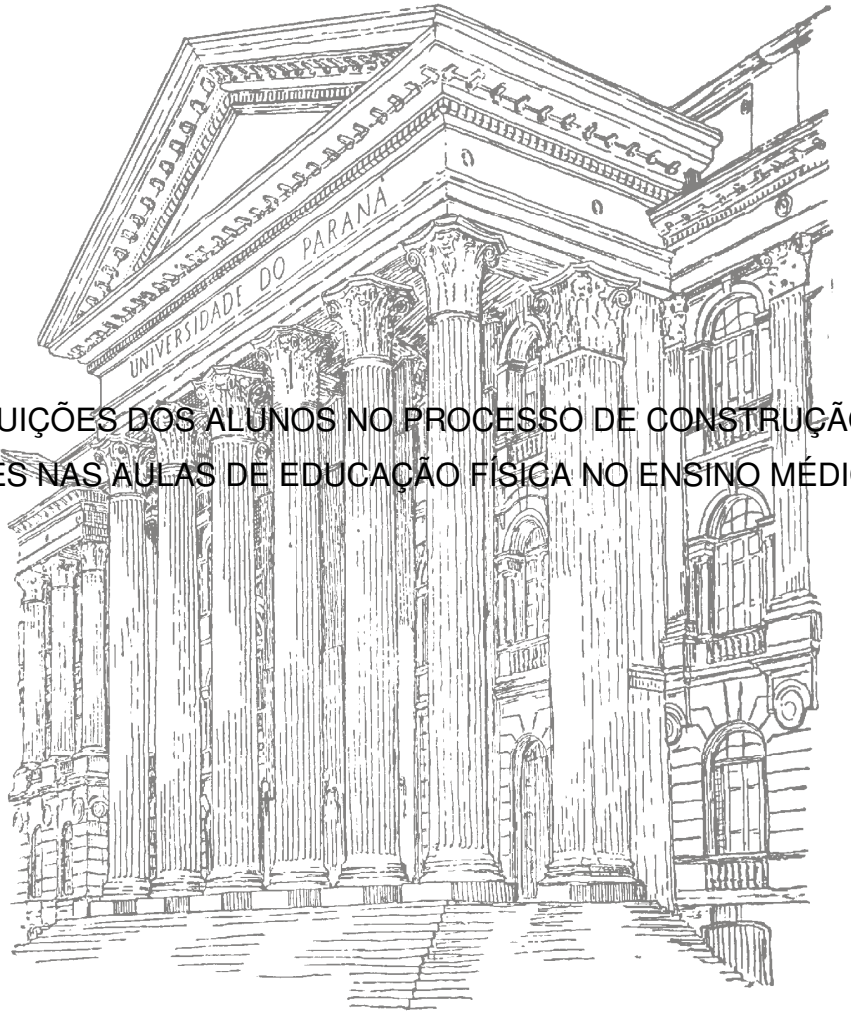
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JÉSSICA CRISTINA DA ROSA
PATRICIA OLIVEIRA DE SOUZA



AS CONTRIBUIÇÕES DOS ALUNOS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DOS SABERES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

CURITIBA
2013

JÉSSICA CRISTINA DA ROSA
PATRICIA OLIVEIRA DE SOUZA

AS CONTRIBUIÇÕES DOS ALUNOS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DOS SABERES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Profª Dra. Luciane Paiva

CURITIBA
2013

AGRADECIMENTO

Agradecemos primeiramente a Deus que nos ajudou até aqui em nossa caminhada. Aos nossos pais e familiares, por nos apoiarem e incentivarem nestes 5 anos de estudos acreditando sempre em nossos sonhos e a todos que colaboraram direta e indiretamente com nossa pesquisa. A nossa orientadora, Prof. Dra. Luciane Paiva, pelo apoio, acompanhamento, orientação e paciência. A todos os professores que participaram na nossa vida acadêmica contribuindo para nossa aquisição de conhecimento.

De: Jéssica Cristina da Rosa, Aos meus pais Isabel Cristina de Abre e Ioldori Luiz da Rosa, pelo grande apoio, incentivo e motivação que sempre me dedicaram desde o início da graduação até a conclusão desse trabalho, sem vocês eu não teria conseguido alcançar essa grande conquista!

De: Patricia Oliveira de Souza, Á minha querida mãe, Maria de Fátima Oliveira Santos, e ao meu pai Lourival da Silva Santos, por sempre me apoiarem e incentivarem na busca pelos meus sonhos.

RESUMO

Este trabalho abordará o tema referente as contribuições do(s) aluno (s) no processo de construção dos saberes nas aulas de Educação Física no ensino médio. Com o presente estudo, encontramos ferramentas para compreender até onde o discente consegue intervir na construção dos saberes referenete a teória, prática e avaliação. Os objetivos desse trabalho resumem-se em analisar a contribuição do aluno no processo de construção dos saberes que compõe as aulas de Educação Física no Ensino Médio. Foi realizado uma pesquisa em um colégio público pertencente a Rede Estadual do Estado do Paraná onde foi realizado entrevistas com o professor e três alunos com perfis diferentes selecionados pelo docente. Nos baseamos nos conceitos dos autores: Laville e Dionne (1999); CATANI E CILIOLI (2004); Giovinazzo Jr. (2007). Percebe-se através dos dados que os alunos não são contribuintes no processo de construção dos saberes, veremos no decorrer do trabalho motivos os quais nos levaram a essa conclusão.

Palavra chave: Ensino Médio; Contribuições, Educação Física.

ABSTRACT

This paper will address the issue regarding the contributions of the student in the construction of knowledge in physical education classes in high school process. With this study, we find tools to understand how far the student can intervene in the construction of knowledge referenete the theory , practice and evaluation . The objectives of this work are summarized in analyzing the contribution of the student in the construction of knowledge process that makes up the physical education classes in high school. A survey was conducted in a public school belongs to the State of Paraná Network which was conducted interviews with the teacher and three students with different profiles selected by the teacher. We are based on the concepts of authors: Laville and Dionne (1999); CATANI And CILIOLI (2004); Giovinazzo Jr. (2007). It is noticed from the data that students are not taxpayers in the construction of knowledge process, we will see in this work reasons which led us to this conclusion.

Keyword: Secondary ; contributions , Physical Education .

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....6
2 METODOLOGIA.....9
3 O JOVEM E O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO.....10
3.1 AS CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS SOBRE "CULTURA JUVENIL"**.....10**
3.2 CULTURA JUVENIL X CULTURA ESCOLAR **.....15**
4 O JOVEM E SUA PARTICIPAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....18
4.1 A PARTICIPAÇÃO DO ALUNO NA ESCOLA PESQUISA**.....19**
4.1.1 A PERSPECTIVA DOCENTE**.....19**
4.1.2 A PERSPECTIVA DISCENTE**.....21**
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....24
6 ANEXOS.....25
7 REFERÊNCIAS.....31

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende investigar as contribuições do discente na constituição dos saberes que norteiam as aulas de Educação Física no ensino médio. Para isso, buscaremos examinar se eles participam na construção do conteúdo a ser aplicado durante as aulas, ou seja, se podem expor suas opiniões quanto ao que aprender ou fazer durante o ano letivo.

Nesse âmbito, pensamos que o acervo cultural do aluno pode auxiliar no reconhecimento e inclusão de práticas corporais experimentadas no contexto extraescolar, as quais poderão ser inseridas no cotidiano das aulas, provocando maior interesse e adesão aos objetivos propostos inicialmente. Acreditamos que a participação do aluno na construção do planejamento, no desenvolvimento das aulas e, consequentemente, na avaliação, poderá despertar a corresponsabilidade do discente em relação ao seu papel no processo de formação escolar e sobre o próprio sentido que a Educação Física nesse processo.

Estudos apontam que, apesar de muitos alunos manifestarem seu gosto pelas aulas de Educação Física, o que motiva o interesse deles por esse momento é justamente a possibilidade de contar com um tempo livre, no qual estejam dispensados de qualquer atividade formativa, seja ela teórica ou prática. Isso se sintetiza nas famigeradas aulas livre, nas quais os alunos podem fazer aquilo que querem do ponto de vista corporal, ou até mesmo não fazer nada. Sem contar, a frustração provocada pelos momentos destinados à sistematização teórica dos conteúdos, nos quais os alunos precisam “abrir mão das atividades em quadra”, o que provavelmente gera uma série de reclamações.

Todavia, essa pesquisa parte do pressuposto de que o conhecimento escolar precisa ser orientado por todos os sujeitos que estão envolvidos no processo, de modo que, o aluno pode desempenhar um papel ativo em conjunto com o professor. Mas sabemos que essa perspectiva torna-se um desafio na medida em que a própria cultura escolar desvirtua essa percepção, pois, muitas vezes, predomina uma postura tradicional, onde o professor é o detentor do saber que deverá ser repassado e assimilado de maneira passiva aos alunos.

Nosso interesse em investigar assuntos relacionados à área de Educação Física advém de experiências pessoais bem-sucedidas, as quais realizamos tanto

no contexto escolar como quanto no contexto extraescolar a partir de interesses próprios.

No âmbito escolar, o interesse pelas práticas corporais sempre acompanhou nossa formação, em específico, aquela que ocorria nas aulas de Educação Física. Nesse sentido, podemos citar a vivência no campo da formação de professores, em curso de magistério, o qual houve um contato com um docente comprometido com suas ações, o qual, diferentemente de alguns professores que enfatizam os esportes como objetivos principais da Educação Física, possibilitavam a experiência com várias práticas corporais, tais como dança, judô, capoeira etc.

No contexto extra-escoltar, as práticas corporais também sempre acompanharam nossas experiências, praticando capoeira (acontecia no contra turno da escola), vôlei, handebol, natação, atletismo, dança (vários estilos).

Por conta desse histórico e pelo reconhecimento da importância da Educação Física, queremos nesse momento aprofundar estudos sobre a área, investigando em específico a figura do aluno, sobretudo, a participação dele na constituição do currículo, sobretudo em torno dos saberes escolares.

Entendemos que, por meio da Educação Física, o aluno poderá compreender, questionar e criticar os valores que são atribuídos ao corpo e ao movimento corporal para poder transformá-lo. No entanto, no Ensino Médio muitos alunos não compreendem que essa disciplina não se resume aos esportes. A disciplina de educação física trata de conhecimentos importantes na formação humana, os quais precisam ser assimilados e sistematizados pelos alunos. Para que isso ocorra é fundamental que o discente se envolva e se interesse pelas aulas, pelo planejamento, pela avaliação, etc.

Entretanto, muitos alunos não se integram a esse processo. Partimos do pressuposto que essa possibilidade tornaria as aulas muito mais interessantes para ambas às partes, pois o professor contaria com o conhecimento dos costumes e culturas que envolve o cotidiano de seus alunos, criando assim um planejamento mais potencial do ponto de vista pedagógico. Com o apoio dos alunos o professor também seria desafiado a viver uma nova experiência, o que poderia se tornar um fator motivante ao docente.

A partir da realização dessa pesquisa pretendemos avaliar: Quais as contribuições do(s) aluno (s) no processo de construção dos saberes nas aulas de

Educação Física no ensino médio?

Com o desenvolvimento dessa investigação almejamos alcançar os seguintes objetivos: Analisar a contribuição do aluno no processo de construção dos saberes que compõe as aulas de Educação Física no Ensino Médio; Examinar um conjunto de obras que trata do tema pesquisado; Avaliar do ponto de vista docente como ocorre esse processo; verificar do ponto de vista discente como ocorre esse processo.

2. METODOLOGIA

No intuito de investigar o tema, realizamos a pesquisa em um colégio público pertencente à rede estadual de ensino do Paraná. O colégio fica no bairro Pilarzinho que está localizado na região norte da cidade de Curitiba e faz divisa com os bairros São João, Vista Alegre, Bom Retiro, São Lourenço, Abranches e Taboão e com o município de Almirante Tamandaré. Ao que tange às famílias atendidas pelo colégio, a renda mensal da maioria está entre 1 e 3 salários mínimos.

Em relação a pesquisa, assumimos o caráter qualitativo, de modo que as análises foram se definindo ao longo da investigação e buscamos entender os fenômenos segundo a perspectiva dos alunos e professores, os quais foram nosso alvo de estudo.

Para a coleta de dados aplicamos entrevistas para três alunos do terceiro ano do ensino médio noturno, os quais apresentaram diferentes perfis (sendo um aluno muito interessado, outro aluno interessado e um aluno menos interessado pela disciplina de Educação Física). Segundo apontamentos da professora de Educação Física. Essas entrevistas tiveram um roteiro semi estruturado

Além dele também, aplicamos um questionário à docente, sendo ela a única professora que ministrava aulas de Educação Física nesse período na escola. O questionário seguiu um roteiro semi estruturado e segue em anexo.

Na análise desse conjunto de dados coletados, nos orientamos por três etapas: Ordenação dos dados; Classificação dos dados e Análise Final. Nós gravamos as entrevistas afim de coletarmos com mais fidelidade as respostas dos entrevistados, dados esses que serão discutidos no último capítulo da nossa pesquisa.

Para realizar a entrevista nos baseamos nas orientações dos autores Laville e Dionne (1999) indica:

> (...) Em compensação, sua flexibilidade possibilita um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores...LAVILLE E DIONNE (1999, p. 189).

3 - O JOVEM E O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO

3.1 – As contribuições dos estudos sobre "Cultura Juvenil"

De acordo com Catani e Cilioli (2004) ser jovem é ser revolucionista, ser alguém em busca de legitimidade. Essa visão dos jovens é importante para entendermos seu papel na política, pois eles foram e são agentes que contribuem muito para tal, por terem sempre em si o desejo de mudança social, mesmo que com isso tenham sido considerados rebeldes e delinquentes. Desde muito tempo sabemos que as transformações acontecem, sejam elas em prol da religião, dos movimentos estudantis ou outras causas, no Brasil entre os séculos de 20 e 30 é que esses movimentos ganharam força a fim de re-significar os valores do mundo adulto. Neste mesmo contexto, discutiu-se a necessidade dos jovens lutarem a favor da democracia, dentre essas discussões no texto de Catani e Cilioli (2004), Erikson concordava que os jovens faziam isso apenas para chamar a atenção, para ser ouvido, ele também considerava a rebeldia juvenil um elemento positivo para o crescimento do individual e da sociedade. Há a ideia de que essa rebeldia juvenil é apenas para reafirmar o ritual dentro do sistema, mas também há autores que defendem a rebeldia dos jovens afirmando que seria apenas para expor os problemas como um todo, ou seja, mostraria a crise do sistema social. Dessa forma, a rebelião juvenil mostra que existem crises sociais e que elas precisam de transformação.

Na década de 60 e 70 os jovens em sua maioria das camadas médias e altas tentar romper cristalizações sociais e culturais, e passaram a ter mais atenção, deixando os jovens das camadas populares esquecidos. Porém, nos anos 70, os mesmos jovens pobres esquecidos vieram com força para defender seus movimentos e expressões culturais, foi nesse período (que as vozes dos alunos de classe alta) que eram capazes de chamar a atenção do governo não estavam mais nas universidades, o que prejudicou um pouco as manifestações, pois, poucos jovens tinham acesso a educação, conforme afirmar os autores na citação abaixo:

> O acesso aos meios estudantis, mesmo que mais amplos do que outrora, ainda é dificultado aos jovens pobres (...). A universidade perdeu força como centro de aglutinação da mobilização social e os movimentos estudantis entraram em profunda crise. CATANI E CILIOLI (2004, p. 76).

Entre 1960 e 70, no Brasil houve a repressão geral dos jovens, mesmo período em que ocorre o aumento da escolarização, embora a qualidade tenha caído bastante. Em 1990 o governo propôs políticas públicas que diminuíssem as desigualdades de renda no país, o que foi um grande avanço, pois em 1950 o Estado se preocupava apenas em investir em políticas educacionais. Mas, em 1980 ele se interessou em criar também políticas públicas para integrar o jovem no mercado de trabalho afim de que houvesse a diminuição da pobreza e para o atendimento das exigências de produção. Com isso o jovem já começa a ser visto como adulto exercendo uma função política, e passa a ser considerado cidadão a partir dos 16 anos, quando já pode votar. Outro ponto que nos chama atenção é que a sexualidade dos jovens está aflorada, o que ocasiona vários problemas como gravidez na adolescência, aborto e DST`S, isso acaba transformando o jovem em um adulto precoce.

Os problemas da juventude juntamente com as propostas dos vários setores da sociedade são condicionados por pressupostos teóricos que dificilmente se mostram de modo explícito. Nesse sentido podemos nos basear nos estudos da Escola de Chicago que demonstra profundos problemas como abandono juvenil e as formas de assistência para com eles. Nos anos 20 a juventude era vista como um "problema", esse estudo foi baseado no modo como esses jovens se comportavam nas ruas quando havia manifestações diante de vários fatores da época, como a industrialização e a explosão demográfica.

> A juventude era tratada como “problema”, estudando-se de que modo os jovens se manifestavam nas ruas das grandes metrópoles dos Estados Unidos diante da industrialização, da explosão demográfica, da grande imigração para o país e das habitações pobres – estas entendidas como um dos centros potenciais de criminalidade, tensão social e marginalidade. CATANI E CILIOLI (2004, pgs. 90 e 91).

Em 1940 foi fortalecida a idéia de que existia uma unidade cultural da juventude, ou seja, costumava-se dizer que os jovens de todos os países tinham uma cultura juvenil comum porque todos frequentavam a escola. Porém, precisa-se que assim, é um modo errado, pois isso acabou não mostrando as singularidades e as diferenças dos jovens. É importante lembrar que cada um desses jovens, mesmo frequentando o ambiente escolar, vive em contextos diferentes onde aprendem e recebem valores e modelos de educação muito diferentes.

Quando comparado os anos de 1945 e 1975 com os dias de hoje há ainda a idéia de cultura juvenil, e os jovens foram destaque, pois foi nesse mesmo tempo que começaram as manifestações culturais e a revolução sexual, eles se tornaram protagonistas de uma sociedade moderna.

Com essas revoluções, em 1950, criou-se o mito dos conflitos entre gerações que ganhou força em 1960, onde a política também foi "contaminada" pela grande rebelião. Em 1968, ocorre o nascimento de uma cultura juvenil massiva e de mercado consumidor internacional que contribuíram para identificar estilos e tendências jovens.

Os hippies não apoiaram esse movimento e abriram portas para que os jovens fossem vistos como portadores dos rumos de uma nova sociedade a se construir, eles criticaram e abandonaram os padrões sociais dominantes, mas mesmo assim predominância da ideia de cultura juvenil.

Nesse mesmo período o sociólogo Parsons (1902-1979) defendia a existência de uma subcultura juvenil que possua hábitos e modos que seriam preparatórios para a fase adulta, o que segundo o autor se prolongou devido à ampliação do ensino médio (cabe para o superior) e esses jovens eram chamados de delinquentes, pois se "desviavam" do comportamento "normal", ou seja, eles ainda eram um problema.

Com a Escola de Birmingham foi reforçada a ideia de subculturas juvenis, com vários grupos sociais cada qual com um modo especifico de falar, vestir e gostos. Os jovens eram analisados simultaneamente como sujeitos que se relacionavam de maneira criativa com estruturas do mundo adulto, e eram vistos também como protagonistas da sociedade, estabeleciam suas próprias estruturas autônomas, opondo-se a gerações procedentes.

Ainda segundo Catani e Cilioli (2004) pelo fato de existir diversas características, podemos chamar esses grupos de subculturas. Essas subculturas eram tratadas de maneira naturalizadas ou consideradas exóticas. Em 1980 a cultura juvenil influenciou ainda mais as indústrias culturais da moda e também a comunicação, e isso impulsionou a reavaliação dos temas ligados à cultura jovem nas décadas de 60 e 70. Outra pesquisa mostra que nos anos 80 via se a juventude

como fase de menores responsabilidades, na década de 90 houve um movimento contra o uso do jovem como capital humano.

No Brasil os jovens ganharam força em 1950 em consequência das expansões industrial e urbana. Após a Segunda Guerra Mundial. Os jovens se tornaram o principal foco de pesquisas do governo por serem considerados parte fundamental do processo de modernização da sociedade. O jovem estudante era visto como importante ator político no processo de mudança e democratização, os jovens eram essenciais aos processos de desenvolvimento nacional. Em 1990 inicia-se uma grande preocupação em criar políticas públicas para a juventude. Também nessa época muitos estudos se voltaram para os movimentos tais como: hip hop, funk, reggae, nesses grupos é possível encontrar pessoas com maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho e consequentemente com diminuição da renda. Casos esses que não podemos julgar apenas pelas suas condições de vida, pois assim como ou autores, concordamos que:

> A condição juvenil não pode ser reduzida a generalizações e estereótipos: Jovens do sexo masculino e feminino vivenciam experiências sociais muito diferenciadas, distinções que e acentuam conforme a posição no sistema de classes. CATANI E CILIOLI (2004, p. 86)

Segundo (Apud Catani e Cilioli, 2004) Sposito a juventude é uma passagem para a condição adulta, ou seja, o jovem está em fase de treinamento para desempenhar o papel social de adulto. Nesse período eles podem ter comportamentos “desviantes”, não sendo adultos essas atitudes acabam sendo atribuídas às famílias, então os jovens pobres tendem a recair na “delinquência”, devido ao “desajuste familiar”.

Acreditamos que essas “tribos” e “gangues” são os lugares onde esses jovens encontram oportunidades de inserção e socialização que os habilitam para a sobrevivência em um ambiente social, ou seja, esses grupos lhes oferecem a porta de entrada para a vida adulta.

Segundo Sposito (Apud Catani e Cilioli, 2004), no início do século XX tínhamos uma juventude de operários. Os burgueses podiam ter “crises de identidade”, podiam exercer atividades de lazer e consumo, enquanto o jovem pobre vivia em condições que não lhe permitia experimentar a vida juvenil do mesmo modo, pois cedo deixava sua família e tinha que trabalhar, formando casais entre si. Quando o

jovem pobre demora à ingressar no mercado considerava-se que o tempo livre seria para exercer atividades que os marginalizariam, causando assim a exclusão da sociedade, enquanto o jovem de classe alta podia demorar a assumir responsabilidades sem problema ou preconceito algum.

Entendemos então que é um desafio aprender a conviver com as diferentes possibilidades de expressão. Os jovens se expressam culturalmente de diversas formas tanto como consumidores dos bens culturais, como criadores das suas próprias expressões com o intuito de mostrar à sociedade e ao mundo a importância dos seus valores e da sua cultura no processo de transformação da realidade vigente. A juventude constrói todos os dias a sua história com os olhos no futuro, tendo em vista que o passado faz parte de uma história oficial, mas que muitas vezes não corresponde à realidade vivida nos dias atuais. A herança do passado tem sido, muitas vezes, o principal obstáculo para o surgimento de novas formas de expressão e convívio social típicos dos jovens. Entre os confrontos do "antigo" e do "novo" os jovens fazem suas escolhas. Sobre essa questão, Catani e Cilioli (2004) propõem que:

> O desafio maior é, na verdade, aprender a conviver com as diferentes possibilidade de expressão – sejam elas juvenis, adultas ou infantis – do ser humano e fazer do sistema social uma estrutura capaz de abrigar essa multiplicidade, oferecer oportunidades ao desenvolvimento dos diferentes segmentos que compões as juventudes e, sobretudo, de se abrir às potencialidades de construção cultural que aí se apresentam. CATANI E CILIOLI (2004, pg. 104,105)

Por esses motivos julgamos importante conhecer como a cultura juvenil vem sendo constituída e quais elementos que contribuem para a formação dos jovens de hoje, facilitando assim a compreensão de suas atitudes e costumes.

Entre esses elementos, uma instituição que se destaca é a escola. Sendo assim, passaremos a examinar mais especificamente as interfaces entre a cultura escolar e a cultura juvenil, bem como suas consequências no ensino de Educação Física.

3.2 – Cultura Juvenil X Cultura Escolar

Entendemos que é importante estudar a cultura juvenil, para que se fortaleça a construção da autonomia intelectual do aluno, pois dessa forma, os alunos serão capazes de atribuir novos sentidos para as suas práticas sociais e pessoais, compreendemos que para acontecer um aprendizado eficaz, consideramos importante trazer para a escola o mundo do aluno, assim como seus interesses culturais.

Porém, sabemos que a cultura escolar é uma prática imposta que diminui as possibilidades de inovação e aprofundamento de diferentes saberes quando trata-se de algo que vai além dos espaços escolares.

Giovinazzo Jr (2007), em sua pesquisa, busca entender, como professor de história, quais os motivos de os alunos permanecerem tanto tempo na escola e aprenderem tão pouco em relação ao esperado. Dessa forma o mesmo inicia uma pesquisa no mestrado que objetivou compreender como os educadores e os estudiosos da educação respondiam a questão da crise escolar, tendo como foco sempre os adolescentes. Posteriormente, no doutorado, buscou compreender qual a relação que os alunos mantêm com a escola e com os educadores, verificando qual o envolvimento de um grupo de adolescentes do ensino médio com a vida escolar, com os estudos, com a cultura transmitida, com o currículo e com a organização do trabalho pedagógico realizado pelos professores. Com base na presente pesquisa buscaremos estreitar as condições de como ocorrem os processos de construção dos saberes nas aulas de Educação Física, bem como as relações que acontecem no decorrer desse trajeto. Giovinazzo Jr. (2007) destaca que:

> Embora uma das principais funções da escola seja a transmissão da cultura, o que mais parece marcar a vida escolar dos alunos são os relacionamentos que mantêm entre si (os grupos de amizade, as turmas, os namoros etc), os eventos extracurriculares (excursões, festas, campeonatos esportivos) e a empatia ou antipatia desenvolvida na relação com os professores. GIOVINAZZO JR. (2007, p. 228).

Os alunos sentem dificuldade em demonstrar as partes boas da escola, pois, encaram a escola como um sacrifício obrigatório que irá prepará-los para a vida adulta, mas mesmo que não gostem, sabem que é algo necessário. Os alunos

reconhecem que a escola lhes proporciona uma boa experiência quando se trata da convivência com outras diversidades, relacionamento com o novo, pois lá conseguem criar novas formas de relacionamentos.

De acordo com o autor a instituição escolar é vista como meio para formar adultos para o futuro e manter o controle das massas, para que isso ocorra seria necessário uma educação moral que ensina a disciplinar corpo e mente, contribuindo na formação de seu caráter e personalidade.

Em uma das suas pesquisas o autor investiga o quanto a experiência escolar contribui para que os alunos compreendam mais sobre a vida individual, coletiva e sobre condições materiais, também a relação dos alunos com os professores, e se a condição social afeta a experiência escolar. Com tudo isso, ainda há o incentivo ao jovem a se inserir no mundo da cultura, para que essa ampliação seja ainda maior. O autor afirma:

> A preocupação foi verificar em que medida a experiência escolar vivida por alunos adolescentes permite a ampliação das referências culturais, o aprofundamento nas questões que envolvem a existência individual e coletiva, e aponta para a necessidade de transcendência das próprias condições culturais e materiais. GIOVINAZZO JR. (2007, p. 229)

No entanto, para que os alunos tenham uma boa relação não só com os professores, mas com a escola também é necessário que a instituição seja um local onde o aluno se sinta bem, e que tenha condições mínimas de ensino e bem-estar. Outra questão a ser pensada e que os alunos destacam a pesquisa de Giovinazzo Jr. (2007) é a organização pedagógica da escola e a não participação e envolvimento deles com os professores. Aulas dinâmicas, professores extrovertidos e material paradidático podem contribuir para que as escolas se tornem ponto de partida na convivência social, e eles vêem à escola como grande ajuda, pois lá eles criam os primeiros vínculos, tem contato com outras realidades e outras experiências, aprendendo que existem outros estilo de vida e grupos sociais, linguagens, ampliando sua visão de mundo.

> “Independente da avaliação feita pelos alunos estar correta ou representar a realidade, eles interpretam a escola como desorganizada e sem propósitos claros” GIOVINAZZO JR. (2007, p. 233 e 234)

Dessa forma, os alunos interpretam a vida social e compreendem em que realidade vivem, sendo assim conseguem entender como o que se ensina nas

escolas não é realmente vivido no mundo adulto, mas, que podemos utilizar nosso conhecimentos para mudar a realidade, tanto social como pessoal. Mesmo com tantas evidências de que a vida adulta não é como dizem e que o futuro quem fará são os jovens, eles tem o desejo de mudar o que vêem principalmente no que diz respeito às desigualdades sociais.

> "Mas mostram-se dispostos a atuarem para que seja construída uma sociedade e um futuro mais justo, isto é, sem desigualdades decorrentes da situação de classe de cada individuo" GIOVINAZZO JR. (2007, p. 237).

Com a pesquisa de Giovinazzo Jr. (2007), é perceptível que os alunos adolescentes e jovens almejam que seja exercido um controle e uma autoridade maior por parte dos educadores, e isso se associa com uma educação escolar de qualidade, que significa a possibilidade de formação cultural, de ampliação das experiências, de inserção no universo da cultura, mas também significa a instrumentalização e o disciplinamento para ingresso no mundo do trabalho. De acordo com o autor:

> "Por paradoxal que possa parecer, os adolescentes enfatizaram o desejo de que seja exercido um controle e uma autoridade maior por parte dos educadores, e isso está associado à reivindicação por educação escolar de qualidade, que significa a possibilidade de formação cultural, de ampliação das experiências, de inserção no universo da cultura, mas também significa, na própria interpretação dos alunos, a instrumentalização e o disciplinamento para ingresso no mundo do trabalho alienado". GIOVINAZZO JR. (2007, p. 242).

A escola tem o papel de repassar culturas, valores morais e a história da sociedade, incluindo o lugar em que o individuo vive, e também de outros lugares, num modo geral aprender o que foi vivido e aprendido nas gerações passadas e adaptar a sua realidade, ela tem também o papel de socializar e formar, e educar para o futuro através de formação profissional para proporcionar de forma igual oportunidade de crescimento para todos.

4. O jovem e sua participação na construção dos saberes nas aulas de Educação Física

4.1 A Participação dos alunos na escola pesquisada:

4.1.1 A perspectiva docente:

De modo geral, a entrevista aconteceu de forma tranqüila, chegamos na escola e havia apenas uma professora lecionando aula de Educação Física no dia. Quando questionamos a docente sobre a participação dos alunos na elaboração do seu planejamento, percebemos que eles não participam da organização do mesmo, ou seja, ele chega até o aluno como algo já pré-definido pelo professor, porém, o planejamento não trata-se de algo fechado e inapto para mudanças, a professora deixa claro que assim que é perceptível o descontentamento dos alunos perante as aulas, ela se propõem a mudá-lo. Isso fica evidente através da fala da Professora:

> Eu planejo, depois eu faço a proposta, tem coisas que eles não aceitam assim, mas eu até posso querer dar mas depois eu acho que não vai ter audiência e eu tiro, o planejamento é aberto para mudanças.

Também perguntamos, se havia a participação, ou opinião dos alunos sobre a forma de avaliar. Percebemos através da resposta, que os alunos não dão sugestões. A professora simplesmente apresenta a avaliação, explica como irá realizá-la e os alunos aceitam. Nesse caso, a professora nos falou que a palavra avaliação ou prova, é uma palavra muito pesada, portanto, ela mudou a palavra para “quis”, afim de tranqüilizar os alunos e fazer com que os mesmos não vejam aquele momento como algo ruim:

> Nunca questionei. Assim eu falo a minha avaliação vai ser o seguinte, vou dar nota de participação, dou atividade em sala de aula que são os textos que eu cobro no final da aula, e faço um teste final, eu falo que é um “quis” não falo que é uma avaliação, eu falo que é um “quis”, e eles nunca questionaram. A palavra avaliação e prova é muito pesada, então eu falo que é um “quis” “quis da educação física, e as vezes eu pego não só o nosso conteúdo, pego coisas do dia-a-dia, falo pra eles que eles tem que ler, tem que ver as noticias, esse bimestre mesmo eu coloquei dua questões do Enem para eles verem que educação física cai no Enem, como que cai, que é só interpretação de texto, que eles tem que ler.

Em relação às experiências que os alunos possuem no âmbito da Educação Física, se as mesmas são utilizadas nas aulas, a professora nos informou que sim, ou seja, sempre aproveita esses conhecimentos para enriquecer suas aulas, conforme sua podemos verificar:

> Sim, eu utilizo muito esses alunos, tem um aluno que é do primeiro ano, mas é mais velho, ele é baiano, o pai dele era capoeirista, ele entende muito sobre capoeira, escravatura, então eu chamo ele pra ir em outras

> turmas.Esses dias tem uma que faz dança, já aproveitei pra pegar ela, e como a noite tem poucos alunos, até quando aparece estagiários com coisas diferentes eu levo toda a minha turma pra ver e participar, de palestras, então é bem diversificado e gostoso trabalhar a noite

Perguntamos para a Professora se existia alguma dificuldade na interação dos alunos para participar do planejamento das aulas, ela nos respondeu o seguinte:

> Não, porque se eu perguntar eles vão falar o que eles querem, mas é aquela coisa fechadinha NE? Sempre as mesmas coisas e a gente quer diversificar o conteúdo, mas ta sempre aberto, as vezes eles trazem alguns esportes para trabalhar.

Dessa forma, percebemos que para a professora, o planejamento é algo aberto a mudanças, porém a mesma não acontece pelo fato da professora ter a idéia de que os alunos contribuem sempre com as mesmas coisas, e ela visa trazer novidades para os alunos.

4.1.2 A perspectiva discente:

De modo geral, a entrevista aconteceu tranquilamente, os alunos aceitaram responder nossas perguntas e não se incomodaram quando falamos que seria uma entrevista gravada.

Realizamos nossa entrevista com três alunos, para que possamos nos localizar quanto às respostas iremos identificar os alunos como, alunos A, B e C.

Quando perguntamos aos alunos o que eles achavam dos conteúdos ensinados os alunos A e C responderam que são bons, o aluno B completou dizendo “Acho interessante, porque tem bastante coisas que a gente esquece e ela vive retomando”, e quando nos referimos a intervenção deles nas aulas, perguntando- lhes se gostaria de interferir o aluno A diz não saber, já o aluno B nos responde que “Não precisa, porque ela explica bem, é uma professora boa, tudo o que ela passa a gente pega fácil, então acho que não precisa”, o aluno C já é mais crítico nos dizendo que:

> Na verdade eles fazem o que eles querem e não se preocupam muito com o que os alunos querem NE? Eles não perguntam pra gente, não dão muita liberdade, se eu tivesse liberdade eu iria falar o que eu não gostava, o que eu queria aprender, coisas assim...

Perguntamos referente ao planejamento, se eles participam da elaboração do mesmo, os alunos A e B responderam que sim, que a professora os deixa expor suas opiniões, e o aluno B ainda complementa “Sim, a professora estimula bastante”, já o aluno C que diz: “Não, às vezes pergunta quando vai fazer alguma diferente, mas normalmente não”.

Com essa fala podemos perceber que de certo modo eles têm sim uma liberdade para opinar e participar da elaboração, porém a resposta não é unânime.

Quando perguntamos aos alunos se eles participam da elaboração das avaliações eles se manifestam quase que de maneira unânime, o aluno A disse que não, não participam da avaliação, o aluno B nos respondeu o seguinte: “Nas aulas de inglês e história sim, nas aulas de educação física não, é sempre teoria e depois a prática”, já o aluno C nos disse que “As vezes ela fala se vai passar prova teórica ou prática”.

Pelo fato das aulas acontecerem no período noturno, as turmas são pequenas dessa forma acredita-se que a interação professor-aluno seja mais fácil de acontecer, porém, um dos alunos entrevistados confessou que não é dado liberdade para ele expressar sua opinião, que o conteúdo simplesmente é passado:

> Na verdade eles fazem o que eles querem e não se preocupam muito com o que os alunos querem né? Eles não perguntam pra gente, não dão muita liberdade, se eu tivesse liberdade eu iria falar o que eu não gostava, o que eu queria aprender

Uma das últimas questões que fizemos aos alunos, é se eles praticam algum outro exercício fora da escola, o aluno A respondeu que “sim, academia”, já o aluno B disse não praticar nada, o aluno C nos respondeu que “não, antes eu jogava futebol”, dessa forma percebemos que os alunos do ensino médio noturno não possuem muito tempo extra para praticar outras atividades físicas, pois, trabalham o dia inteiro e estudam a noite, não sobrando tempo para praticar atividades extras.

Nossa última questão foi se eles transferiam algo dessa pratica para as aulas de educação física, o aluno A disse-nos que não, o aluno B não respondeu a questão, e o aluno C disse que:

> “Nas aulas ajuda mais, quando a gente sabe fica mais fácil, eu vejo agora, antes quando eu fazia futebol eu me dava melhor nas aulas, agora que eu não faço mais eu sinto mais dificuldade, me sinto mais lenta”.

Perguntamos referente ao planejamento, se eles participam da elaboração do mesmo, os alunos A e B responderam que sim, que a professora os deixa expor suas opiniões, e o aluno B ainda complementa “Sim, a professora estimula bastante”, já o aluno C que diz: “Não, às vezes pergunta quando vai fazer alguma diferente, mas normalmente não”.

Com essa fala podemos perceber que de certo modo eles têm sim uma liberdade para opinar e participar da elaboração, porém a resposta não é unânime.

Quando perguntamos aos alunos se eles participam da elaboração das avaliações eles se manifestam quase que de maneira unânime, o aluno A disse que não, não participam da avaliação, o aluno B nos respondeu o seguinte: “Nas aulas de inglês e história sim, nas aulas de educação física não, é sempre teoria e depois a prática”, já o aluno C nos disse que “As vezes ela fala se vai passar prova teórica ou prática”.

Pelo fato das aulas acontecerem no período noturno, as turmas são pequenas dessa forma acredita-se que a interação professor-aluno seja mais fácil de acontecer, porém, um dos alunos entrevistados confessou que não é dado liberdade para ele expressar sua opinião, que o conteúdo simplesmente é passado:

> “Na verdade eles fazem o que eles querem e não se preocupam muito com o que os alunos querem né? Eles não perguntam pra gente, não dão muita liberdade, se eu tivesse liberdade eu iria falar o que eu não gostava, o que eu queria aprender”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender as possibilidades que os discentes do ensino médio têm de contribuir na construção dos saberes que compõem a disciplina de educação física. Ou seja, se conseguem interferir na elaboração do planejamento, durante a realização das aulas, e, finalmente, nos momentos de avaliação. Para tal estudo foram realizadas entrevistas com três alunos do terceiro ano do ensino médio noturno e com uma professora de Educação Física. De modo geral, não tivemos dificuldades para coletar os dados, os sujeitos se mostraram prestativos e contribuíram plenamente.

A partir dos dados concluímos que os alunos não efetivam suas contribuições, porém existe abertura para que isso aconteça, pois a professora deixa claro que quando os alunos não estão gostando do conteúdo ela provoca alterações em torno do que foi planejado, deixando aberto às opiniões discentes, sobretudo, ao que remete a outras práticas corporais que possuam relação à cultura que envolve o grupo.

Acreditamos ser importante estudar esse tema para examinar como os alunos têm liberdade e autonomia, mas também interesse em contribuir no desenvolvimento de seu próprio conhecimento, isto é, participar ativamente de seu processo formativo.

5. ANEXO

ENTREVISTA COM A PROFESSORA DO ENSINO MÉDIO

O que você acha dos conteúdos ensinados nas aulas de Ed. Física?

Você conta com a participação dos alunos na elaboração do planejamento

Durante as aulas, os alunos opinam sobre os conteúdos? Como?

Os alunos dão sugestões sobre a avaliação?

Porque não pode ou porque não convém?

Existe dificuldade na interação dos alunos para participar do planejamento das aulas?

Eles trazem experiências de fora?

ENTREVISTA COM OS ALUNOS

O que você acha dos conteúdos ensinados nas aulas de educação física?

Você considera esses conteúdos importantes? Por que?

Você opina sobre aquilo que o professor ensina durante as aulas? Como?

O professor estimula vocês a participarem da elaboração da aula?

O professor estimula os alunos a opinarem sobre a avaliação?

Em outras matérias você opina sobre a avaliação?

O professore estimula a participação na avaliação?

Como você gostaria de interferir sobre aquilo que está sendo ensinado nas aulas de educação física?

Você pratica algum esporte? Qual?

Você transfere algo dessa pratica fora da escola para as aulas de educação física?

Entrevista realizada em um Colégio Estadual, situado no Bairro Pilarzinho

Entrevista com a professora de Educação física no Ensino Médio Noturno

O que você acha dos conteúdos ensinados nas aulas de Ed. Física?

Com ensino médio, eu gosto de trabalhar bastante qualidade de vida, trabalho vários esportes, jogos, viso bastante textos formativos sobre qualidade de vida.

Você conta com a participação dos alunos na elaboração do planejamento?

Eu planejo, depois eu faço a proposta, tem coisas que eles não aceitam assim, mas eu até posso querer dar mas depois eu acho que não vai ter audiência e eu tiro, o planejamento é aberto para mudanças.

Durante as aulas, os alunos opinam sobre os conteúdos? Como?

Sim, por eles era futebol e vôlei, então a gente fala que eles tem que abrir a mente, diversificar, trabalhar vários conteúdos, e a noite eles são bem participativos, as turmas são pequenas ne?! Então eles são bem participativos.

Os alunos dão sugestões sobre a avaliação?

Não.

Por que não pode ou por que não convém?

Nunca questionei, assim, eu falo: a minha avaliação vai ser o seguinte, vou dar nota de participação, dou atividade em sala de aula que são os textos que eu cobro no final da aula, e faço um teste final, eu falo que é um “quis” não falo que é uma avaliação, eu falo que é um “quis”, e eles nunca questionaram. A palavra avaliação e prova é muito pesada, então eu falo que é um “quis” “quis da educação física, e as vezes eu pego não só o nosso conteúdo, pego coisas do dia-a-dia, falo pra eles que eles tem que ler, tem que ver as notícias, esse bimestre mesmo eu coloquei duas questões do Enem para eles verem que educação física cai no Enem, como que cai, que é só interpretação de texto, que eles tem que ler.

Existe dificuldade na interação dos alunos para participar do planejamento das aulas?

Não, porque se eu perguntar eles vão falar o que eles querem, mas é aquela coisa fechadinha NE? Sempre as mesmas coisas e a gente quer diversificar o conteúdo, mas ta sempre aberto, as vezes eles trazem alguns esportes para trabalhar.

Eles trazem experiências de fora?

Sim, eu utilizo muito esses alunos, tem um aluno que é do primeiro ano, mas é mais velho, ele é baiano, o pai dele era capoeirista, ele entende muito sobre capoeira, escravatura, então eu chamo ele pra ir em outras turmas, esses dias tem uma de dança, já aproveitei pra pegar ela, e como a noite tem poucos alunos, até quando aparece estagiários com coisas diferentes eu levo toda a minha turma pra ver e participar, de palestras, então é bem diversificado e gostoso trabalhar a noite.

ENTREVISTA COM O 1º ALUNO

O que você acha dos conteúdos ensinados nas aulas de educação física?

Bons.

Você considera esses conteúdos importantes? Por que?

Sim, porque pra quem vai fazer Ed física na faculdade ajuda bastante.

Você opina sobre aquilo que o professor ensina durante as aulas? Como?

Sim, quando a gente não gosta a gente fala.

O professor estimula vocês a participarem da elaboração da aula?

Sim.

O professor estimula os alunos a opinarem sobre a avaliação?

Não.

Em outras matérias você opina sobre a avaliação?

Não.

O professore estimula a participação na avaliação?

Não.

Como você gostaria de interferir sobre aquilo que está sendo ensinado nas aulas de educação física?

Não sei.

Você pratica algum esporte? Qual?

Sim, academia.

Você transfere algo dessa pratica fora da escola para as aulas de educação física?

Não.

ENTREVISTA COM 2º ALUNO

O que você acha dos conteúdos ensinados nas aulas de educação física?

Acho interessante, porque tem bastante coisas que a gente esquece e ela vive retomando.

Você considera esses conteúdos importantes? Por que?

Sim, igual o calculo da massa lá do índice, é importante NE? Também ela passa sobre os conteúdos que a gente vai fazer na aula NE, daí acho que é melhor, igual, eu não gosto das aulas práticas de educação física, prefiro o conteúdo mesmo na sala.

Você opina sobre aquilo que o professor ensina durante as aulas? Como?

Não.

O professor estimula vocês a participarem da elaboração da aula?

Sim, a professora estimula bastante.

O professor estimula os alunos a opinarem sobre a avaliação?

Não.

Em outras matérias você opina sobre a avaliação?

Não, a avaliação é sempre os professores que decidem e depois passam pra gente.

O professor estimula a participação na avaliação?

Nas aulas de inglês e história sim, nas aulas de educação física não, é sempre a teoria e depois a prática.

Como você gostaria de interferir sobre aquilo que está sendo ensinado nas aulas de educação física?

Não precisa, porque ela explica bem, é uma professora boa, tudo o que ela passa a gente pega fácil, então acho que não precisa.

Você pratica algum esporte? Qual?

Não.

Você transfere algo dessa pratica fora da escola para as aulas de educação física?

ENTREVISTA COM O 3º ALUNO

O que você acha dos conteúdos ensinados nas aulas de educação física?

Bom.

Você considera esses conteúdos importantes? Por que?

Sim, pro corpo, distrai

Você opina sobre aquilo que o professor ensina durante as aulas? Como?

Não, não costumo opinar

O professor estimula vocês a participarem da elaboração da aula?

Não, as vezes pergunta quando vai fazer alguma coisa diferente, mas normalmente não

O professor estimula os alunos a opinarem sobre a avaliação?

As vezes ela fala se vai passar prova teórica ou prática

Em outras matérias você opina sobre a avaliação?

Não

O professor estimula a participação na avaliação?

Não

Como você gostaria de interferir sobre aquilo que está sendo ensinado nas aulas de educação física?

Na verdade eles fazem o que eles querem e não se preocupam muito com o que os alunos querem NE? Eles não perguntam pra gente, não dão muita liberdade, se eu tivesse liberdade eu iria falar o que eu não gostava, o que eu queria aprender, coisas assim

Você pratica algum esporte? Qual?

Não, antes eu jogava futebol

Você transfere algo dessa pratica fora da escola para as aulas de educação física?

Nas aulas ajuda mais, quando a gente sabe fica mais fácil, eu vejo agora, antes quando eu fazia futebol eu me dava melhor nas aulas, agora que eu não faço mais eu sinto mais dificuldade, me sinto mais lenta.

6. REFERÊNCIAS

CATANI E CILIOLI, **A coleção paradidáticos UNESP:** Dimensões Políticas da Juventude, São Paulo, 2004

GIOVINAZZO JR, Carlos Antonio**, A educação escolar segundo os adolescentes: um estudo sobre a relação escola e seus alunos,** São Paulo, 2007

LAVILLE E DIONNE, **A Construção do Saber:** Manual de Metodologia de Pesquisa em ciências humanas, Porto Alegre, 1999

CATANI E CILIOLI, **A coleção paradidáticos UNESP:** Diversidade de Interpretação das culturas juvenis, São Paulo, 2004

MINAYO, **Pesquisa Social:** Teoria, Método e criatividade, Petrópolis, 1999